

## Uma trilogia literária do ciúme, por Fernanda Verdasca Botton

*Dom Casmurro*, de Machado de Assis, passou a prefigurar como um dos livros cuja leitura integral é obrigatória para o vestibular da Fuvest e da Unicamp de 2007. Porém, se as instituições referidas deram a honra aos estudantes de conhecer esta obra prima do nosso grande ícone da literatura brasileira, vale salientar que aos alunos mais interessados, não só no vestibular mas sim no reconhecimento do próprio ser humano, vale a pena indicar outros dois livros que falam acerca do ciúme: *Otelo*, de William Shakespeare, e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

Fruto de épocas diferentes (*Otelo* é de 1604; *Dom Casmurro*, de 1899 e *São Bernardo* de 1933), cada uma dessas obras é uma visão de sabedoria sob o nosso negro ciúme.

Na obra de Shakespeare, *Otelo* é um mouro que conseguiu, como poucos de sua raça, ser guindado ao posto de general. Enquanto serve na cidade italiana de Veneza, ele é hóspede do senador Brabânçio e, nesta residência, em longas narrativas de sua vida aventureira, acaba por conquistar o amor da filha do senador. Como o pai de Desdêmona não permite a união do casal, eles fogem para concretizarem a *felicidade*. Porém, para findar com o momento de *fortuna*, entra em cena Iago, jovem veneziano que sonha com o poder e ofendeu-se por ter sido preterido pelo general Otelo quando este escolheu a Cássio como seu primeiro tenente. A necessidade de vingança, faz com que Iago teça na mente de Otelo pontos cruéis de ciúme: o primeiro, é a desconfiança de que se Desdêmona traiu o próprio pai, não agirá de maneira diferente com o marido; o segundo, é que se as narrativas do mouro conquistaram a branca, as constantes conversas de Cássio com Desdêmona podem ser sons de uma nova conquista; o terceiro, ironicamente o nó que também colocará na forca da morte Otelo, é a sugestão de Iago que uma traição só pode ser sufocada com o assassinato da adúltera. Os pontos traçados por Iago, tecidos não apenas pelas vozes das parcas da tragédia mas também pelo perfeito entrelaçar das palavras shakespearianas, trazem então ao público uma piedade e um alívio por não sermos nós mesmos os alvos de tão impiedoso destino.

Talvez estimulado pela leitura do texto shakespeariano, Machado criou sua própria visão do ciúme. Nesta, influenciada pelas descobertas psicológicas de sua época, o autor conta a história de Bento de Sant(iago), um menino cujo destino estava traçado não ao assassinato de sua amada Capitu mas sim a uma casmurrice (entenda-se, obstinação) que o faz ser adúltero com sua própria mente. As palavras tecidas por Machado (ou por *Casmurro*?) não nos trazem um alívio mas sim perguntas que dissecam nossa perversa mente que nunca terá certeza se, na realidade, Capitu era ou não amante de Escobar.

Em 1933, Graciliano, como que fechando uma trilogia do ciúme, ao invés de centralizar-se no homem *Otelo*, ou no inconsciente *Casmurro*, faz jus à sociedade em que vive e denuncia o ciúme à propriedade *São Bernardo*. Ou seja, em nossa humanidade corrupta e capitalista, Graciliano percebeu que o ciúme de Paulo Honório não poderia ser diretamente por Madalena, mas sim pelo que esta professora, cujos ideais estão próximos ao comunismo, poderia fazer com as terras da fazenda São Bernardo.

Sendo assim, se você quer reconhecer melhor o homem, a mente e a sociedade de diferentes épocas, vale a pena ler esta possível “trilogia literária”.